

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## PEQUENA CHRONICA

### FUGIR AO DEVER...

Sonhava muitas vezes nas horas da febre, e dizia, então, a pobre doente:

—Manuel, Manuel...

Elle não a visitava. Esquecera-a por completo.

Depois que a Laurinda melhorou, e principiou a dar uns passeios pelo campo e pelos pinhaes, a aspirar aquelle ambiente puro e aquella rezina fortificante, encontrou-o um dia.

Era o dia de Paschoa. O Manuel ia de sobrepeiz branca, atraz d'um homem com ópa vermelha, conduzindo uma Cruz toda adornada de flores e aromatisada de perfumes.

Laurinda ajoellou, beijou o Christo alvissimo, de prata, e dos olhos grandes, embaciados e tristes correram-lhe lagrimas em fio. E o Manuel:

—Boas-festas, Laurinda. Não se esqueça. Logo lá a espero em casa, e é preciso que reparta os fofares cá com o reitor.

Laurinda baixou os olhos nadando em lagrimas, e caminhou apoiada ao braço da criada.

Não esteve em casa a Laurinda. Fingiu-se ainda mais doente, e passou a tarde toda em casa da tia Geneveva, santa mulher, muito virtuosa e muito experimentada do mundo.

\* \* \*

Passados dias, o reitor foi visitar a convalescente, fazendo-se annunciar pela criada.

—Diga-lhe que não estou em casa,—respondeu a Laurinda. E, pelo passadico, retirou-se para casa da tia Geneveva, que ficava perto. Entrou chorando.

—Então que tens tu,—disse-lhe a tia,—que tens tu, que ha um tempo para cá não fazes senão chorar?

—O que eu tenho, minha tia...

—Diz... desabafa.—E, abraçando-a e cobrindo-a de beijos, fel-a sentar n'um canapé, ao seu lado. E, aconechando-a ao seio, inquiriu:

—São amores? Conta: olha que eu sei bem o que isso é! Quando estive nos Remedios, em Braga, apprendi lições que farto, para mim, e ainda para dar a meio mundo... E tornou a beijal-a muito.

Laurinda abriu-lhe o coração. Contou-lhe tudo. Amára o Manuel. Amára-o muito; dera-se-lhe toda. Elle já era padre, é verdade; mas ella cahiu. A fraqueza humana é grande. Depois... Elle não a

deixava! Era amigo do pae, (que Deus tenha na ceu) tinha toda a entrada em casa, fel-a zeladora; deu-lhe o altar do S.S. para adornar; mandou-lhe lavar os *sanguineos*; gomar as toalhas da igreja...

—Mas conta, filha, conta tudo.

—Uma tarde fui eu á residencia levar os *sanguineos*. Elle mandou-me entrar... Melhor eu não fóra!

—Sim, sim! Mas porque choras agora tanto?

—Porque elle jurou que só a mim amava, e agora tem lá em casa aquella zoinha da Rosa Dias, que até já foi do Gonçalo do Monte, d'aquelle contratador de porcos...

—Mas que queres tu? Um padre d'essa laia só com gente acostumada a viver no meio de covados...

\* \* \*

Quando foi o casamento de Laurinda, o padre Manuel estava doente. O casamento foi muito consutado. A tia fez-lhe doação de todos os seus bens, — vinte contos em dinheiro, e a quinta onde vivia, — para casar com o filho do recebedor da villa, doutor em leis, e um bellissimo rapaz.

O Julio quiz, no fim da cerimonia, ir visitar o padre Manuel. Eram amigos: ficava alli perto...

—Hoje não, disse a Laurinda; o dia é só para nós. Amanhã.

Na manhã seguinte, porem, o padre Manuel embarcava no comboio para Braga, embucado n'uma capa hespa nhola, que o frio era muito, e a humidade fazia-lhe mal.

\* \* \*

A Laurinda foi muito feliz. O Julio adorava-a.

Quando foi o baptisado do seu primeiro filho, estava o padre Manuel a morrer. Não se lhe percebia a voz: a garganta estava completamente arruinada. Não se tinha nas pernas; não se levantava já do leito.

Mandou pedir a Laurinda que lhe fosse fallar. Que era negocio de muita importancia.

E a Laurinda á portadora:

—Que me mande dizer o que quer.

D'ahi a duas horas, recebia um bilhete a lapis, tremulamente escripto, que dizia:

—«Pego-te que me perdoes. O meu castigo é grande, principio a senti-o já n'este mundo.»

Laurinda devolveu-lhe o bilhete com estas tres palavras:—*Deus é justo.*

Z. SARANAGO

## A LAGRIMA

### NUM ALBUM

Eu sempre admirei as almas grandiosas,  
E sempre me curvei em frente da virtude,  
E olho os pequeninos com labios como rosas,  
E julgo-me feliz ao pé da juventude.

Das almas grandiosas, que brilham como a luz,  
Vossencia guarda uma: A alma que é assim,  
Que prende, que enleia, fascina e nos seduz,  
Deixa encontrar um dia outra alma...

UM CHERUBIM

Barcellos 11—6—94

\* \*

### SONETO

Estás tão desolada n'esse negral e hyomante  
castello de soffrimento... Nénias amarissimas en-  
laçam-te em dôr agrenta... As horas que retinem  
abrem sepulturas de mágua no teu coração...

Soffres: morres...

Anda cá para fóra... O azul tão puro é fen-  
dido por aves iriantes... Ha cantos arminhados  
pelos campos... Aguas argenteas passeiam mon-  
tes, espargindo sons tão bem amados... A natu-  
reza inteira volita alacridades...

Gozas: vives...

Ficas?... Não vens?...

Embora!.. Acompanharte-hei, assim como um  
Cyrinho, na Costa d'África da Vida... Que im-  
porta que o céo seja plumbeo, se tu és o Sol, esse  
Allah que onlina suas urvidades magicas, e desdobra  
nas soledades da Dör—Esperanças!..

Fico: amo-te...

A. SOUCASAU.

Nos bellos e saudosissimos tempos da nossa mo-  
cidade, muitas vezes fomos deliciaados, ouvin lo dif-  
ferentes contos, ou historias, nas quaes figurava  
sempre, como protogonista, o Anjo mau, o Me-  
phistophles—o Diabo! Uma vez, disfarçado em  
serpente para enganar Evas; outras vezes, d'Eva  
para enganar Adôes; agora, de padre para illudir  
freiras e beatas; logo, de dandy para attrahir bel-  
dades; enfim, de todas as formas que o caso pe-  
dia para conquistar... almas! Bellos tempos, re-  
petinos, e que agora nos recordou com viva sau-  
dade a historia de uma diabrura que acaba de  
ser-nos conta-la. Ellaahi vae.

O Diabo, ao contrario do que muitos dizem, nun-  
ca deixou de passeiar cá pelo nosso doido planeta;  
e vae d'ahi, n'uma das suas passeiatas, viu certa  
Eva, toda fresca e repolhúta. Enamorou-se, e zás,  
toca a fazer-lhe a côrte. Julgou, porém, prudente  
disfarçar-se n'um velhote, direitinho, de rosto um

tanto encarquilhado, com uns olhinhos muito vi-  
vos e muito brejeiros, a revelarem desejos da mu-  
lher do proximo, mas homem de certa representa-  
ção e auctoridade, dado ao negocio e á paz. O que  
é facto é que a requestada Eva não desgostou do  
Diabo com aquella encadernação, e entregou-se-  
lhe, chegando a estar com elle de casa e pucari-  
nho, com grave desgosto da sr.<sup>a</sup> Diaba que lá, nos  
abyssmos, pintava o diabo... E o Diabo sempre a  
amar a sua nova Eva, e ella a corresponder-lhe. E  
elle, todo ufano em ser assim amado, dava-lhe  
prendas, etc. etc. Mas, como não ha bem que sempre  
dure, um dia o Diabo encontra a Eva em fla-  
grante delicto, nos braços de um alento lo filho de  
Marte, que a beijava doidamente; e ella, a perfida,  
corresponhia-lhe a esses affagos!.. O Diabo, rallado  
de ciúnes, jurou vingar-se. E vingou-se. Na au-  
sencia da perjura, entrou-lhe em casa e tirou-lhe  
tudo que lhe havia dado. Volta a Eva para casa,  
dá pela falta da sua rica roupinha, e grita aqui d'el-  
rei, ladrões; acodem as visinhas e informam-a de  
que fóra o seu Diabo que lhe levava a roupa. Eva,  
desesperada, furiosa, corre, vóa, em procura do  
seu ex-amante e despeja sobre elle um sem nume-  
ro de improperios e ameaças. O Diabo, que ainda  
estava desfarçado em homem de negocio e de paz,  
voltou as costas á furiosa Eva e foi queixar-se  
d'ella á administração do conselho. Momentos de-  
pois, apparece tambem Eva a queixar-se do Dia-  
bo, que a havia roubado.

O Administrador inquire dos factos, as cousas  
complicam-se, o Diabo falla em codigos, em leis,  
autos etc, mas, para pôr termo á questão, metten  
a viola no sacco e fugiupura o Averno, do qual ju-  
rou não tornar a sair, servio disfarçado em Fausto,  
quando tiver que requestar Evas. E finda aqui  
a historia, pela qual se vê que nem sempre o Dia-  
bo é tão fino, como o pintam, porque podia ser  
processado pelo crime de furto...

### NOTAS DA QUINZENA

Muito calor e muitas festas. St.<sup>o</sup> Antonio con-  
tinua a ser devotamente empinado em tribunas  
de caixões, pelas lojas dos merceiros e pelos can-  
tos das ruas. Ri o Santo, no moio dos pavios a-  
cêos, e folga o rapazio, queimando fogo chinez,  
e fazendo diversas chinezices; não largar, por  
exemplo, um pundeço, enquanto se lhe não dei-  
ta na bacia estanhada um estanhado vintemsi-  
nho para a festa.

E, a proposito de festas, temos a archivar  
aqui um grande progresso moral em Barcellos.  
E' o orpheon, dirigido pelo sr. dr. Antonio Fer-  
raz, e n'quear todos reconhecem a mais requin-  
tada competencia, e todos os requisitos necessa-  
rios para desengonçar os emperrados queixos  
d'uns, para adaptar á muzica o ouvido rebelde  
d'outros, etc, etc, etc.

## A LAGRIMA

Desenvolver no povo o gosto pela muzica é um grande passo para o bem. As bellas-artistas concorrem, muitissimo para a dulcificação dos costumes; e em Barcellos bem necessario se torna isso.

Se o sr. dr. Ferraz o conseguir, consegue muito e faz muito.

Depois, é uma grande cousa deixar a gente de ouvir essas vozes avinhadas e roucas, com que uma mocidade pouco escrupulosa nos encommenda a cada passo, em noitadas de guitarras e violões desafinados.



O orpheon é outra cousa. Clero, nobreza e povo todo lá se representa.

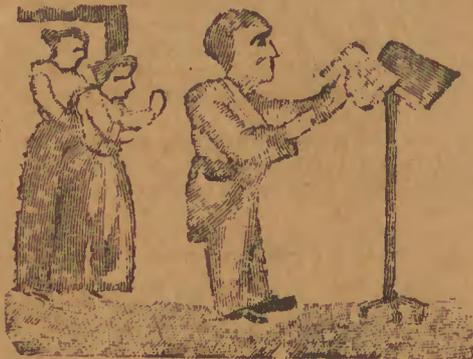
E' tal já o amor que um dandy lhe consagra, e tal o desejo de se mostrar bom muzico, afinadinho, deante dos orpheonistas, que um dia d'estes até causou em casa um grande medo á familia.

Poz-se no quarto d'elle a cantar, a ensaiar a garganta. Tão bom e tão afinadinho era a voz, que a familia julgou que elle estava agritar—Aqui d'El-Rei, Aqui d'El-Rei.

Cheia de medo, abrindo já as janellas para pedir socorro para a rua, vac ter ao quarto d'elle.

—Que é isso, menino? Que foi?

Estavas a gritar...



—Não era. Estava a ensaiar-me para o orpheon. Dou um tenor magnifico...

Por aqui se vê o amor que o orpheon desperata já.

Que fará, quando se lhe associarem as tiples femeninas, e os contraltos...

Tudo para o S. João, que em Barcelinhos promette ser d'arromba. Só a regata deve ser coisa d'espavento. Uma regata em Barcellos!

Barcos, depois do grande do Lapuz, ou d'aquelle com que o Ferreira e irrogou a pedra toda para o açude de S.<sup>a</sup> Eugenia, depois d'estes dous, que são os que offerecem mais segurança e promettem mais velocidade, já estão encommendados muitos. Tem chegado á alfandega centenas d'elles, de amostra. Os cavalheiros da regata vão-lhe tomando o pezo, a ver qual o mais leveiro.



Ainda esta gente se não lembrou da melhor!

Se fosse vivo o Paula, de Faria, era encommendar-lhe um barco de cortiça.

Íam, de véla em popa, a matar a carriça dos premios. Os premios, com que muita gente enguica...

Mas, para estas ideas é preciso ter cabeça, e dentro da cabeça ter miólo.

Ora, não sei quem diz para ali que os dandys, dentro da cabeça não tem. Ideias... no lay.

### O ESPIRITO FEMENINO

Temos em Barcellos algumas damas com muita chieira.

E' preciso, porem, notar uma cousa. Não é chieira nas botas. E' chieira nos tacões das ditas. E o que é certo é que uma bota, ainda que tenha chieira ou chiadeira, é sempre bota.

Apologos de couro, que se applicam ao couro de certas creaturas.

Esta, por exemplo, é uma prova de espirito femenino cá da Parvonía:

—O' senhor Arthur! vac hoje ao orphalão?

Se por orphalão queria entender qualquer cousa de orphandade, esta espirituosa—está orphã de instrucção, e não sabe o anexim:—Quem muito falla pouco acerta.

SOLDADOS E SOPEIRAS

Amor de baixo da terra...

Um cabo do 2.º batalhão do 20, estacionado n'esta villa, declarava, ha dias, a uma sopeirinha bem boa, o seu amor, n'estes termos:

«Amor do Meu

Coração Cá Recibi a tua estimadissima carta e nella bi o que me mandavas dezer Anna a respeito ao que falemos hontem muito desejava estar certo, já sabes que eu que te Amo a thé a Morte e a thé de pois de morrer e a thé de baixo da terra lá se pudesse ser Eide-te Amar que hé meu gosto lograr-te bem sabes Amor que ando ao dezemparo com isto não me quero enfadar mais á manha não posso ir a feira por que estou de Servesso pesso-te que me Venhas ber á route ao escurecer que eu sempre te eide falar. Sou este teu Amor ... 2.º cabo de infantaria 20 do 2.º Batalhao da 1.ª companhia pesso-te desculpa por te não escrever e bom papel per que hoje estou de Servesso não posso sahir esperô respôsta o mais breve que possa

A Deus A Deus a Deus Amor.»

BONS PITEÚS

Ha um cozinheiro afamado, chamado D. Guloso, que vive dentro do estomago de algúms caçadores, paredes-meias com a sanha ignorancia e com o desleixo policial,—que recommaenda, para certos appetites, coéllias gravidas, perdizes no chôco, etc., etc.

Ora, como em Barcellos ha bastantes doencas d'estas, parece que estes petiscos estão tomando incremento, chegando alguém a affirmar que ha ideias de se montar uma cosinha economica do genero, aonde será trinchador-mór o tal D. Guloso.

Todos os dias é um tiroteio, de manhã cedo, pelos montes proximos da villa.

Ora, se isto não é troca, é porque estamos na Parvonia...

ESCANDALO...

A's auctoridades locais, desde o sr. juiz de d'í-direito até ao sr. juiz de paz; desde o sr. administrador do concelho até ao seu inclito regedor, pede a «Lagrima» providencias contra o enorme escandalo de que acaba de ser theatro o estabelecimento do sr. João Oliveira!

Relatemos o facto.

Entre as 10 e as 11 do dia d'hontem, notaram os empregados do fisco que, em direcção áquelle estabelecimento, era conduzido um pequeno pipo. Calculando que fosse dynamite ou outros explosivos, correram ali. Encontraram n'aquelle ponto muitos individuos, de diversas posições sociaes, áte copo em punho, aguardando a chegada da

vasilha. Esta chegou afinal. Todos se acercam d'ella. Mette-se a torneira e começa a sahir por'elle liquido espumoso, do qual todos se queriam servir ao mesmo tempo, gritando: «A mim, a mim; agora eu». Os guardas fiscaes interveem e oppõem-se á distribuição do liquido por não estar manifestado. O povo protesta. Estabelece-se uma confusão pandemonica. Acodem visinhos e transeuntes. Todos se agarram ao pipo. O sr. Oliveira emprega então a sua força herculea, áparta as massas, e salva o pipo, dizendo conter n'elle a melhor cerveja do universo—o que depois foi provado—e que passa a vender a 30 reis o copo.

\*

A noticia espalha-se rapidamente pela villa, e os taberneiros protestam contra a introdução do liquido, visto reconhecerem a sua superioridade sobre as diferentes zurrapas que para ali se vendem. Porém, o sr. Oliveira faz ouvidos de mercador, e deixa correr o marfim, gritando sempre: «A' cerveja, senhores; á cerveja, que é a bebida melhor e mais economica da localidade».

Pedem-se providencias, em nome dos vificultores e taberneiros, porque isto é um escandalo.

Cerveja de pipo em Barcellos a 30 reis o copo!.. Esta só do sr. Oliveira!..

Um parochio que usa meias vermelhas, mandou, como 'é lei, para a administração d'este concelho, um mappa onde se designa o numero d'obitos e quaes os motivos que os occasionaram. Lê-se n'elle, em casas distinctas, o nome das doencas victimadoras, como o tÿpho, sarampo, etc.; e entre ellas ha uma para o puerperio onde o tal rev.º designou ter havido 3 honens mortos!..

Tres homêns mortos de patto!.. Esta é boa p'ra «Lagrima»...

A mulher de Ulysses, para ir demorando o novo hymeneu que uma apaixonado lhe propunha, visto Ulysses não ter apparecido depois da guerra de Troia, que, durou dez annos, pelo que todos o supunham morto, dizia que, só depois de terminada a teia que tecia, é que podia casar. E desfazia de noite, o que de dia tinha tecido deante do enamorado.

E' o que está acontecendo com uma azenha de Mareces. Vai um, faz. Vem outro e desfaz...

Quando virá o Ulysses da justiça acabar a teia?

Responsavel:—João G. da Silva

—Typographia da «Folha da Manhã»—

BARCELLOS